

GT: PROJETO *LIBRAS NA ESCOLA*: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Coordenadora Dra. Audrei Gesser (UENP-CP/Universidade Sem Fronteiras)

Este GT tem como objetivo apresentar o projeto de extensão intitulado *LIBRAS na Escola: Ensino da Língua Brasileira de Sinais para professores da Rede Pública do Fundamental Básico*, bem como os primeiros relatos dos participantes (GESSER, 2008). O projeto é realizado em Cornélio Procopio, num cenário onde as discussões sobre a surdez e o domínio da língua de sinais são ainda incipientes e, portanto, foca na formação complementar de alguns profissionais tanto de conteúdos/temáticas da área como na aprendizagem da LIBRAS. Uma das implicações dessa iniciativa está, conforme mencionado anteriormente, para a instauração e abertura de *espaços* dentro da Universidade Estadual do Norte do Paraná, para o ensino de LIBRAS, intensificando assim o contato com a Educação Básica Pública. Esta parceria cria, efetivamente, a tradição e a legitimação da instrução de uma língua minoritária (FREEMAN, 1998). Abrir espaços para o ensino de LIBRAS e desenvolver pesquisas nessa área são formas de visibilizar e sensibilizar tanto os alunos ouvintes em relação à língua, cultura, identidade e história do surdo, quanto, de uma forma ampliada, a própria sociedade quanto à necessidade de se criar tradição para o ensino desta língua, para que a sua legitimação aconteça, ou seja, para que se crie um conjunto de atitudes psico-sociais favoráveis (BOURDIEU, 1992) à LIBRAS e seus usuários no entorno da comunidade.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais. Surdez. Formação de Professores.

SURDEZ, INCLUSÃO E FAMÍLIA: UM RETRATO DO COTIDIANO

Marjorie Agre Leão (UENP-CP; Bolsista da Universidade Sem Fronteiras)

Audrei Gesser (Orientadora UENP-CP/ USF)

Atualmente o termo “inclusão” vem sendo tratado em diversos segmentos, tornando-se até um “modismo”. Fala-se na importância da inclusão dos surdos no ensino regular, bem como, da participação ativa da família nesse processo. Diante disso, essa comunicação tem como objetivo fazer uma análise desse processo inclusivo, mediante a observação cotidiana de minha própria família com relação ao meu irmão surdo, e também, de sua inclusão no espaço escolar. Para tanto, farei uma descrição desde os recursos utilizados em seu tratamento, em um sentido singular, até às questões relacionadas aos diagnósticos da surdez e debates feitos na atualidade, no sentido mais amplo (SKLIAR, 2006, 2007). A escolha dessa temática se deu, devido minha família e eu não termos conhecimento de certos recursos, bem como, dos diversos tratamentos que passamos. Após o contato com a literatura e envolvimento nessa área, reconhecemos a necessidade de nossa presença para um pleno desenvolvimento cognitivo, intelectual e social de meu irmão surdo. Para tanto serão abordados autores como SKLIAR (2006), LUNARDI (2007), SILVA *et alii* (2003).

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Família. Surdez. Língua de Sinais.

POR UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ALUNOS SURDOS

Juliana Nunes da Silva (UENP-CP; Bolsista da Universidade Sem Fronteiras)

Audrei Gesser (Orientadora UENP-CP/USF)

A abordagem bilíngue para alunos surdos é uma proposta que visa o ensino de duas línguas no processo educacional, visto que a língua de sinais é a língua natural do surdo e a língua oral a língua da sociedade majoritária ouvinte (GESSER, 2006). O processo de alfabetização e ensino da língua oral sempre fora posto como um grande desafio para educadores e professores de crianças surdas, e, ao longo da história, modelos educacionais como *oralismo*, *bimodalismo* e *comunicação total* têm sido adotados. A literatura relata inúmeros fracassos educacionais, mas aponta um consenso: a de que a língua de sinais deve ser utilizada como meio de instrução na escolarização de surdos (QUADROS, 1997; SILVA, 2005). Portanto, esta pesquisa tem como objetivo fazer uma análise a respeito da aprendizagem de um aluno surdo, de uma escola de Cornélio Procópio, inserido em um programa de inclusão e verificar como sua formação é realizada. Para tanto, seguirá os princípios de pesquisa de observação participante, e se apoiará em teóricos como SACKS (1998), SILVA (2008), entre outros.

Palavras-chave: Educação Bilíngue. Surdez. Língua de Sinais.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS: O QUE NOS DIZ A LITERATURA?

Andressa da Silva Garcia (UENP-CP; Bolsista da Universidade Sem Fronteiras)

Audrei Gesser (Orientadora UENP-CP/USF)

A Língua Portuguesa para indivíduos surdos é considerada uma segunda língua, por ser a LIBRAS a sua língua materna. Para que o surdo adquira língua oral, o educador deve valer-se da língua de sinais, pois é através dela que os surdos constroem e fazem suas leituras de mundo. A estrutura educacional do surdo difere dos ouvintes por advir de uma experiência essencialmente visual, pois pessoas surdas utilizam-se seus olhos para receber língua(gem). Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o que a literatura discute sobre o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos. A investigação da qual se derivará esta pesquisa se dá por meio de subsídios teóricos pautados em autores como QUADROS (2006), SACKS (1998), SALLES (2004), SILVA (2007); entre outros.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem. Surdo. Língua de Sinais e Língua Portuguesa.

ENTRE A CULTURA SURDA E A CULTURA OUVINTE: DESAFIOS E PAPÉIS DO INTÉRPRETE DE LIBRAS/PORTUGUÊS

Celina de Oliveira Barbosa (UENP-CP; Bolsista da Universidade Sem Fronteiras)

Audrei Gesser (Orientadora UENP-CP/USF)

O intérprete de língua de sinais atua como mediador entre a língua oralizada e a sinalizada, proporcionando uma intersecção entre as culturas surda e ouvinte nos diversos contextos em que estas se “confrontam”. Ao papel do intérprete é inerente o conhecimento das duas línguas em que transita da mesma forma que a sensibilidade em relação à identidade/cultura surda, visto que sua função é “emprestar boca e ouvidos” ao surdo, para que a mensagem seja interpretada. A lei 10.436/2002 oficializa a LIBRAS no Brasil e prescreve a contratação de intérpretes em ambientes onde circulem surdos, possibilitando assim interação em igualdade de condições com os ouvintes. Com isso, a função do profissional intérprete LIBRAS/Português ganhou evidência, destacando-se os inúmeros desafios pelos quais passa, por conta das diferenças vivenciadas no trânsito entre línguas e culturas surdas e ouvintes. Portanto, esta comunicação objetiva apresentar algumas discussões e implicações que permeiam a função do intérprete em âmbitos educacionais, respaldados em autores como QUADROS (2004, 2007), LACERDA (2004), SILVA (2007).

Palavras-chave: Intérprete. Língua de Sinais. Cultura Surda/Ouvinte.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR SURDOS E OUVINTES: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Bruna Doná de Oliveira (UENP – CP; Bolsista da Universidade Sem Fronteiras)

Audrei Gesser (Orientadora UENP-CP/USF)

A aquisição da linguagem é um momento crucial na vida de qualquer indivíduo, e segundo a teoria gerativista, todos os seres humanos possuem uma pré-disposição genética para adquiri-la. Entretanto, a experiência com os estímulos do meio e o contato direto com o *input* lingüístico são fatores que validam o desenvolvimento da competência lingüística. E com os surdos, como seria este processo? A questão é linguisticamente complexa porque muitos surdos são filhos de pais ouvintes, que não usam ou não conhecem a língua de sinais. A exposição à língua oral, que não é a língua materna dos surdos, não ocorre de forma natural, além do que não há estímulos válidos, pois o surdo é *visual*, e sua língua é a de sinais. Nesta comunicação pretende-se esclarecer alguns equívocos que colocam em questionamento a capacidade lingüístico-cognitiva do surdo, bem como conscientizar sobre a importância da LIBRAS desde o nascimento da criança surda, levando em conta os estudos sobre a aquisição por surdos e por ouvintes (MIOTO, 1999; QUADROS, 1997; CHOMSKY, 1986).

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Libras. Surdez.

A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PELOS OLHOS DE UMA OUVINTE

Neusa da Silva Leme (UENP-CP; Bolsista da Universidade Sem Fronteiras)

Audrei Gesser (Orientadora UENP-CP/USF)

Dada a importância da inclusão de alunos surdos nas escolas regulares devido a um movimento político, houve um aumento na procura de cursos de Língua Brasileira de Sinais a fim de se buscar o aprendizado desta língua e, conseqüentemente, facilitar as complexas interações entre surdos e ouvintes. Diante disto, esta pesquisa torna-se relevante, especialmente no que diz respeito à compreensão da dificuldade de aprendizado de uma língua visual por ouvintes e à compreensão da própria vivência em sala de aula onde muitos preconceitos e diversidade de opiniões são externados. Todos esses fatores são vivenciados pelas alunas, e tomam uma dimensão que *a meus olhos* ampliam o já tão complicado aprendizado de língua de sinais por alunos ouvintes. Portanto, esta comunicação visa relatar a minha experiência enquanto aluna do curso básico de LIBRAS, através do projeto “LIBRAS na Escola: Ensino da Língua Brasileira de Sinais para professores da Rede Pública do Fundamental Básico”, coordenado pela professora Dr^a Audrei Gesser, e embasado teoricamente em autores como SACKS (1998), GESSER (1999, 2006), LEITE (2009).

Palavras-chave: Aprendizagem. Libras. Ouvintes.